

# "A TERCEIRA FASE" DO BANDITISMO ARMADO

N. (supl. "Zambézia") 29/9/84

«Os bandidos armados foram obrigados a entrar numa terceira fase de actuação: desfizeram-se em pequenos grupos, andam de um lado para o outro, fazem ataques de pequena envergadura para tentarem destruir o que puderem, pilham para sobreviver e criar intimidação e pânico, sobretudo em redor de alguns dos principais centros urbanos» — é com estas ideias básicas que o Brigadeiro José Ajap, Comandante Militar da Zambézia, nos procura dar um retrato breve da situação militar da Província.

Encontramos o Brigadeiro Ajap depois de, às portas do quartel de Mocuba, termos visto umas seis dezenas de homens

— Estes homens que vocês aí viram na apanha do algodão são um dos resultados desta terceira fase do banditismo. Todas as semanas têm-nos chegado às nossas mãos centenas deles — explica-nos o Brigadeiro Ajap: Nos últimos dias apareceram uns 80 em Derre, uns 30 em Morrumbala, cerca de 90 em Pinda e mais de 300 em Mgaze.

— Que vamos fazer deles? Temos que analisar caso a caso e à luz da Lei de Perdão concedida pelo Presidente Samora Machel — adianta o Brigadeiro Ajap sem esconder a preocupação pelo que isto vai exigir.

— Por exemplo, quando destruímos a base que os bandidos tinham em Mgaze, havia lá muito pouca gente. Andavam fugidos pelo mato. Agora vivem lá mais de seis mil pessoas. Imaginem o esforço que é necessário

para integrar de novo toda esta gente com roupa, sem comida, sem enxadas, sem nada.

Antes do encontro com o Comandante da Zambézia, acompanháramos aquele grupo de indivíduos até à machamba onde iriam participar na colheita de algodão. Conversámos com alguns deles e apurámos que a maioria eram pessoas que haviam colaborado com os bandidos Vasco Avião, que viveu na aldeia de Chingoma reconheceu ter alojado um grupo de oito bandidos além de lhes ter dado comida.

— Tive medo e não comuniquei nada às autoridades. Mas agora, pensei melhor e vi que era bom contar como aconteceram essas coisas. É por isso que estou aqui.

Tomás Bacalhau, que trabalhava numa cooperativa da aldeia de Rarraga,

guardados por três soldados subirem para um camião. Assistimos ao movimento com a sensação de estarmos a ver uma operação de rotina que ali se vive no início de todas as manhãs. Eram parte de um grupo de indivíduos que, nas imediações de Mocuba, tinham sido capturados ou se haviam entregado às Forças Armadas de Moçambique, depois de terem estado ligados aos bandidos armados, de uma ou de outra forma. Nas mãos das Forças Armadas e enquanto as suas situações individuais não ficam esclarecidas, eles vivem no quartel. Para que não constituam um peso-morto, todos os dias dão o seu contributo em trabalhos nas proximidades, como era o caso, naquele momento, na apanha do algodão.

disse-nos que ajudava um pouco o trabalho deles e dava-lhes alimentação.

Estes e outros homens, com quem dialogámos, falaram-nos do medo que os levou a colaborar com os bandidos, quando em 1982 eles entraram na província bem armados. Alguns têm ainda medo de voltar para as suas aldeias. Uns porque receiam novos ataques e acções dos bandidos, particularmente dirigidos contra aqueles que contaram a sua história às Forças Armadas, outros porque assumiram compromissos bem conhecidos pela população. É este o sentimento com que ficámos depois de vários diálogos.

José Ajap confirma-nos este sentimento e acrescenta:

— Os bandidos quando chegavam a uma área ocupavam-na e submetiam

toda a população à sua ordem. A todos arrancavam a documentação. Arranjavam colaboradores, ameaçando-os se não colaborassem, e colocavam-nos como vigilantes. Aquele que fosse encontrado fora era denunciado e morto. Em algumas áreas que já libertámos completamente encontramos pessoas sofrendo uma vida muito dura, nem sequer sal tinham, mas com o medo e sem saber o que fazer deixavam-se ficar. Se fugissem já, não podiam regressar para junto dos seus familiares. Se fogem, passam a ser considerados espíes. Mesmo assim muitos fugiam; alguns que vinham com missões de espionagem desistiam e entregavam-se.

Entre as pessoas que vivem com os bandidos, o Brigadeiro Ajap estabelece certas diferenças: Os bandidos propriamente ditos que foram treinados no exterior e que, normalmente, não são desta região. Esses são os chefes e que estão agora em debandada. Com base em promessas, procuram arranjar pessoas daqui para ficarem nos seus lugares. Depois há um número significativo de jovens que eles raptam nas escolas e que querem aliciar com produtos de roubos e comprometê-los em crimes para serem também bandidos. Finalmente, há a população local que eles submetem e aterrorizando, obrigam a produzir comida para os alimentar. Temos de compreender as diferenças entre todas estas pessoas que têm estado a vir ter connosco.

O Comandante da Zambézia mostra-nos de seguida que esta terceira fase do banditismo resulta não apenas da acção das nossas forças, contra os acampamentos mas da forma como estes dois últimos grupos de pessoas ganham coragem e conseguem libertar-se. Por isso, esses acampamentos já não são possíveis; resta-lhes andar em pequenos grupos.

Durante o encontro, que mantivemos com José Ajap, ele lançou-nos um apelo à nossa capacidade de reflexão sobre a realidade, para compreendermos a natureza deste processo de desestabilização social.

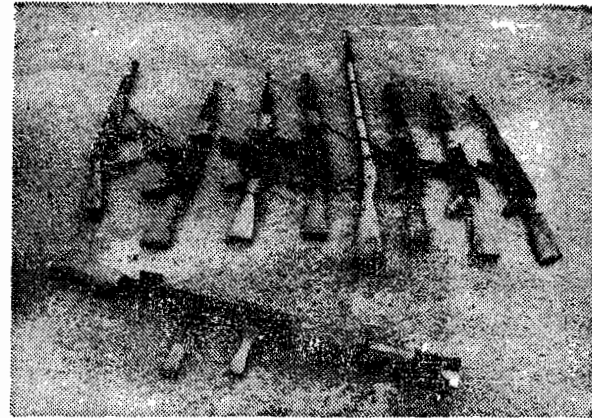
Um sargento trouxe alguns objectos apreendidos na recente destruição de um acampamento. Em frente de nós, coloca imitações de armas feitas em madeira, divisas usadas pe-

lós régulos durante o período colonial, peles de cobra e diversos amuletos, suruma, notas do Banco Nacional Ultramarino...

Que dizer perante este amontoado de objectos? Ajap dá-nos pistas para vermos melhor o seu significado:

— Estão aqui os símbolos do poder e da ideologia dos bandidos. Em algumas áreas os bandidos colocaram de novo divisas e antigos régulos, organizaram cerimónias onde alívios de superstições inerentes à pele de cobra intimidaram a população. Um dos bandidos abatido foi encontrado com divisas de tenente do Exército português. Que poder é este?

Qual a natureza da ideologia de gente que distribui suruma e amuletos quando ocupam uma determinada área? Que pretendem quando ao arrancarem alimentação à população lhes entregam notas usadas antigamente no nosso país? Que tipo de mentalidade promovem quando ao destruírem as condições materiais de produção incitam a população a partici-

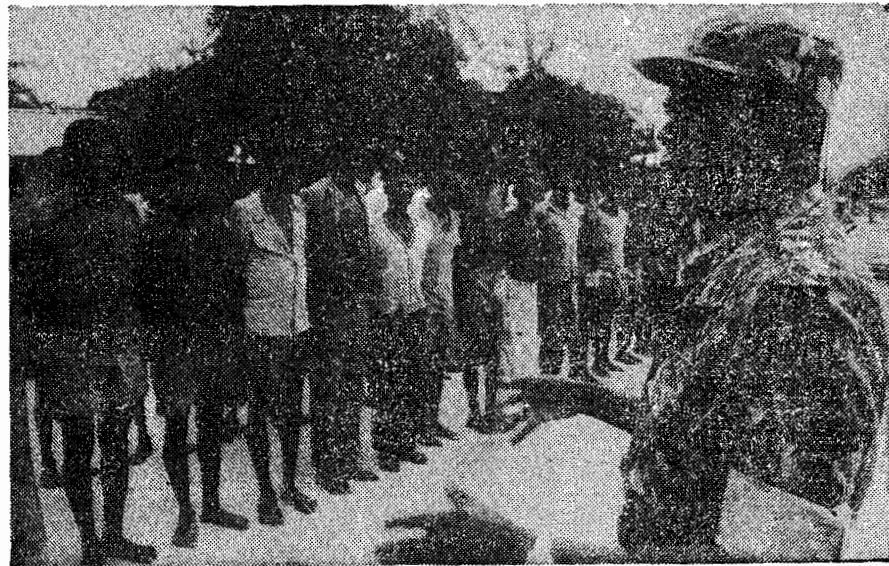


Falsas armas, fabricadas em madeira que pretendem alimentar a nova fase do banditismo

Como conclusão da conversa conduz-nos a um outro tipo de questões: Um poder desta natureza e uma ideologia como esta, que não é ideologia, poderá alguma vez calivar as pessoas? Poderá manter as pessoas das áreas que cupou por muito tempo amedrontadas e submetidas? Estão a compreender porque é que toda esta

daram uns poucos litos e as pessoas ficam a pensar que eles são fortes. Chegar a uma povoação nestas condições e assaltar as cantinas ou na estrada destruir um ou dois camiões também não é difícil. Mas o que é o banditismo senão isto?

Hoje, em alguns sítios que recuperámos estamos lá sem grandes efecti-



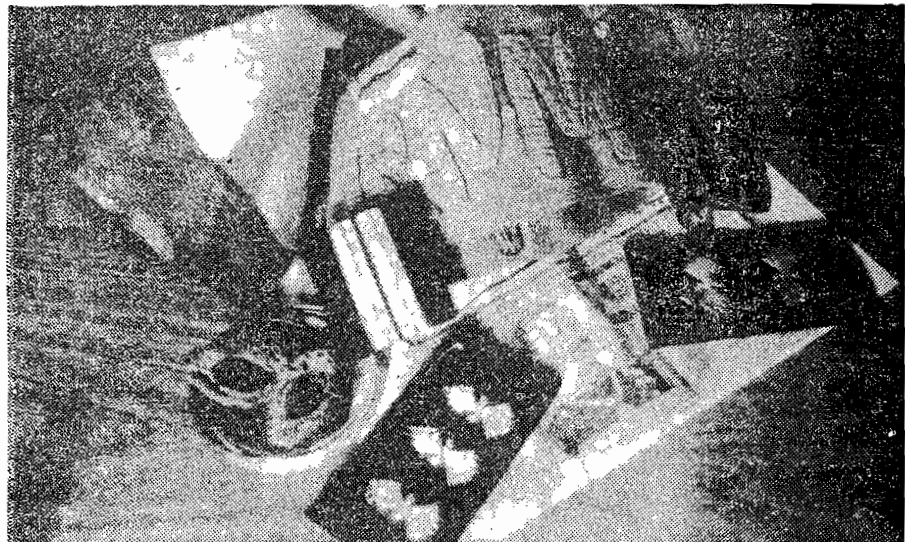
O Brigadeiro José Ajap, dialogando em Mocuba, com um grupo de bandidos armados e seus colaboradores que se entregaram às Forças Armadas

par em assaltos a cantinas e camiões? O Brigadeiro Ajap não se empenha em que aceitámos a imagem que ele próprio tem dos bandidos armados e do momento de luta que contra eles se trava. Com base na sua experiência, durante o diálogo, ofereceu-nos factos e acontecimentos e levanta questões.

gente nos está a aparecer em grande número?

Sublinha que os bandidos vão continuar a fazer banditismo. Diz que as imitações de armas feitas em madeira são prova disso. Basta terem uma ou duas armas, algumas munições e depois com estas imitações

vos. A população está a começar a produzir. Por isso é cada vez mais difícil para os bandidos raptarem pessoas. É evidente que alguns vão continuar a querer fazer banditismo, mas a nossa autoridade, saída do seio da própria população está lá. Eles vão ser isolados e progressivamente destruídos.



Divisas de autoridades tradicionais criadas pelo colonialismo, divisas de exércitos estrangeiros, uma pele de cobra e outros objectos apreendidos no assalto a um acampamento. Que poder e ideologia exprimem estes símbolos?